

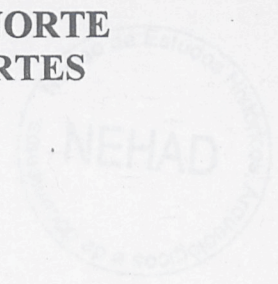
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

A PRODUÇÃO DE SHEELITA NO RIO GRANDE DO NORTE: ASCENSÃO E CRISE
(1940 A 1960)

WILK MAGNOS MOURA DE ASSIS

NATAL/RN
2006

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**



**A produção de Scheelita no Rio Grande do Norte: ascensão e crise
(1940 a 1960)**

WILK MAGNOS MOURA DE ASSIS

Monografia apresentada à disciplina
de Pesquisa Histórica II do Curso de
História da Universidade Federal do
Rio Grande do Norte, sob a
orientação da professora Maria da
Conceição Guilherme Coelho.



**NATAL/RN
2006**

COPIA - DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Núcleo de Estudos Históricos, Arqueológicos
e de Documentos - NEHAD
Nº Chamada: _____
Cutter: _____
Folha: _____
Nº Reg. _____
Natal, _____

WILK MAGNOS MOURA DE ASSIS



**A produção de Scheelita no Rio Grande do Norte: ascensão e crise
(1940 a 1960)**

Monografia apresentada à disciplina
de **Pesquisa Histórica II** do Curso de
História da Universidade Federal do
Rio Grande do Norte, sob a
orientação da professora Maria da
Conceição Guilherme Coelho.

**NATAL/RN
2006**

AGRADECIMENTOS

A Professora Doutora Maria da Glória, pela paciência, atenção e orientação durante o desenvolvimento deste trabalho.

A Professora Doutora Maria da Glória, que atendeu as minhas dúvidas e orientações durante o desenvolvimento deste trabalho.

À Professora Joana Rodrigues, que me ajudou a compreender a que, nos meios de seus conhecimentos e da experiência, me ajudou a compreender a importância deste trabalho.

A Professora D. Maria, pela indicação de alguns temas.

Aos meus pais, que entenderam esta situação e me ajudaram a compreender e seguir os caminhos, contribuindo abremente para a realização deste trabalho.

Aos meus avós e a minha tia, que me ajudaram a compreender a importância do trabalho, contribuindo ainda, com a criação de um espaço de trabalho, para a realização do trabalho.

A minha avó, que me ajudou a compreender os caminhos e a realização do trabalho.

A Professora Maria, que contribuiu com a revisão deste trabalho.

À Professora Rosa, por se ter interessado por este trabalho.

A Professora de Matemática Tânia Salgueiro, pela atenção e ajuda que me ajudou a compreender o trabalho.

Aos meus amigos, que me ajudaram a compreender a importância deste trabalho.

A todos, que em uma forma ou de outra, contribuíram para a realização deste trabalho.

A Deus, por ter me dado a motivação para a realização do trabalho.

Dedico este trabalho aos meus
pais, meu irmão, meus
avós e a minha tia.

AGRADECIMENTOS

À Professora Conceição Guilherme, minha orientadora, pela paciência, atenção e compreensão com que conduziu o processo de orientação;

À Professora Francisca Aurinete Girão, pela solicitude com que atendeu as minhas consultas referentes às normas de apresentação da monografia;

Ao Professor Joabel Rodrigues, ícone da educação curraisnovense e que, por meio de seus conselhos e da cessão de alguns artigos contribuiu consideravelmente para consecução deste trabalho;

À Professora Denise, pela indicação de alguns livros;

Aos meus pais, que souberam como ninguém interpretar meus pensamentos e sentimentos, contribuindo sobremaneira para concretização do curso;

Aos meus avós e a minha tia, que me acolheram durante os anos de realização do curso, contribuindo ainda, com a cessão de um computador, imprescindível para concretização do trabalho;

À minha namorada, que soube compreender os momentos em que estive ausente durante a realização da monografia.

À Professora Elisangela, que contribuiu com a revisão textual;

Ao Senhor Reno, por ter relatado informações importantes a respeito do tema estudado;

À funcionária do Memorial Tomás Salustino, pela atenção e cessão das fotos que ilustram o anexo do trabalho;

Aos amigos de curso;

A todos, que de uma forma ou de outra, contribuíram para realização deste trabalho;

A Deus, por ter me dado motivação para conclusão do trabalho.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	0
1 A EXPLORAÇÃO MINERAL NO BRASIL (1944-1960).....	9
1.1 A Era Vargas.....	9
1.2 A 2ª Guerra Mundial e seus efeitos sobre a produção mineral brasileira.....	13
1.3 O governo Juscelino Kubitschek.....	15
2 A ECONOMIA NORTE-RIO-GRANDENSE E A EXTRAÇÃO DE BÓXILITA.....	20
2.1 Breve Histórico da extração mineral no Estado.....	20
2.2 A exploração de Bóxilita no Rio Grande do Norte: produção e consolidação.....	23
2.3 A produção de Scheelite e a economia norte-rio-grandense.....	27
3 A CRISE DA PRODUÇÃO.....	33
3.1 Os Fatores da crise.....	33
3.2 A defesa da produção e o discurso dos parlamentares norte-rio-grandenses.....	37
CONCLUSÃO.....	
NOTAS.....	
BIBLIOGRAFIA.....	
ANEXOS.....	

A verdadeira medida de um homem não é como ele se comporta em momentos de conforto e conveniência, mas como ele se mantém em tempos de controvérsia e desafios. (Martin Luther King)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
1 A EXPLORAÇÃO MINERAL NO BRASIL (1940/1960)	9
1.1 A Era Vargas	9
1.2 A 2ª Guerra Mundial e seus efeitos sobre a produção mineral brasileira ...	13
1.3 O governo Juscelino Kubitschek.....	15
2 A ECONOMIA NORTE-RIO-GRANDENSE E A EXTRAÇÃO DE SCHEELITA.....	20
2.1 Breve histórico da extração mineral no Estado.....	20
2.2 A exploração de Scheelita no Rio Grande do Norte: produção e comercialização.....	23
2.3 A produção de Scheelita e a economia norte-rio-riograndense.....	27
3 A CRISE DA PRODUÇÃO.....	33
3.1 Os Fatores da crise.....	33
3.2 A defesa da produção: o discurso dos parlamentares norte-rio-grandenses..	37
CONCLUSÃO.....	45
FONTES.....	47
BIBLIOGRAFIA.....	49
ANEXOS.....	50

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo primordial estudar a importância que a exploração mineral de Scheelita exerceu para a economia estadual nas décadas de 1940 a 1960. O recorte temporal escolhido coincide justamente com o início dessa atividade econômica no Rio Grande do Norte e sua conseqüente crise econômica que veio a extinguir várias empresas que atuavam na exploração mineral.

Os primórdios de sua exploração no Brasil deu-se na década de 1940, tendo como principais áreas produtoras o Rio Grande do Norte e a Paraíba. Sendo que, o nosso estado respondia por aproximadamente 90% da produção nacional com destaque, principalmente, para o município de Currais Novos, o qual era detentor das maiores minas em operação naquela época.

A exploração mineral perdurou por várias décadas. Mas, o grande estímulo para esse tipo de atividade foi dado graças ao contexto da II Guerra Mundial. Pois, as nações beligerantes tinham uma grande necessidade de scheelita, de onde se extrai o tungstênio, que servia de matéria-prima para a indústria de armamentos.

Com o término do conflito mundial, esse tipo de atividade econômica entrou numa fase de recessão, ocasionando o fechamento de várias minas.

Nesse processo de evolução da exploração, procurou-se avaliar a importância que esse setor exerceu sobre a economia estadual nessas décadas de 40 e 50, os motivos que impulsionaram a instalação da crise nesse tipo de atividade econômica e as providências adotadas pelos órgãos governamentais com o intuito de superar os problemas enfrentados pelo setor mineral. Para tanto, buscou-se avaliar o desempenho dessa atividade através da análise de dados estatísticos sobre o tema.

Utilizou-se também outros instrumentos de pesquisa, como livros que faziam referência ao nosso objeto de estudo e, que além de bastante escassos, traziam abordagens fragmentadas do tema estudado. Dentre essas bibliografias, inclui-se a obra de Manuel Correia de Andrade, *A mineração no Nordeste: depoimentos e experiências*, que trata, entre outros assuntos, da produção mineral no Nordeste e questões como: participação da SUDENE, presença do capital estrangeiro e problemas que afetaram a indústria.

Para compreensão do período abordado, utilizou-se também, uma dissertação de Mestrado de Maria Vilma Cunha, cujo título: *A mineração em Currais Novos: um estudo do cotidiano operário*, em seu capítulo 3, traz uma análise dos elementos que impulsionaram o advento desse tipo de atividade.

Realizou-se, ainda, várias pesquisas nos Anais dos Poderes Legislativos, tanto na esfera federal, na Câmara e no Senado, que disponibilizam seus anais para pesquisa por meio da internet, quanto na esfera estadual, com os Anais da Assembléia Legislativa Estadual, procurando identificar através dos discursos dos parlamentares quais os debates que eram empreendidos, naquela época, no tocante à exploração mineral de scheelita.

Outro instrumento que serviu de base para a nossa pesquisa foram os jornais que circulavam nessas décadas, essencialmente, o Jornal *A República*, o qual, detém uma fonte valiosa de informações, onde se procurou extrair artigos e matérias que expressassem a situação vivenciada por esse tipo de atividade econômica.

Pode-se afirmar, que tal curiosidade foi despertada pelo fato do tema escolhido tratar-se de uma atividade que obteve expressividade na economia do Rio Grande do Norte, como também na cidade de Currais Novos, onde a extração de scheelita permitiu que o município atingisse um notável progresso com a edificação de prédios para alojar

banco, rádio, hotel, posto de saúde e colégios. Então, dadas essas circunstâncias e o fato de ser um tema pouco abordado pelos pesquisadores, surgiu o interesse em estudar a exploração mineral de scheelita.

O trabalho foi organizado em três capítulos: No primeiro capítulo procurou-se analisar a exploração mineral de maneira mais abrangente. Dessa forma, buscou-se investigar os fatores que contribuíram para o início da exploração mineral no estado, bem como da política econômica federal destinada ao setor mineral. O segundo, relata um breve histórico da extração mineral no Estado, como se davam os meios de produção e comercialização, além de buscar avaliar a importância dessa atividade para a economia estadual. Por último, o terceiro capítulo, buscou-se contemplar um estudo que averiguasse os fatores que determinaram a crise dessa atividade e os seus reflexos sobre a economia. Também, abordou-se as prováveis medidas que foram efetivadas com o intuito de amenizar a crise, através da atuação de parlamentares.

A elaboração desse trabalho tem como finalidade dar uma contribuição para futuros pesquisadores, que se sintam estimulados em pesquisar esse assunto e que, as informações contidas nesse trabalho, possam servir de subsídio para a elaboração de futuros projetos. Haja vista, termos encontrado uma grande dificuldade para efetivação das pesquisas.

1 A EXPLORAÇÃO MINERAL NO BRASIL (1940/1960)

1.1 A Era Vargas

A sucessão do presidente Washington Luís desencadeou uma série de divergências, haja vista, este ter apoiado o nome de Júlio Prestes, rompendo dessa forma, o acordo estabelecido entre as oligarquias de São Paulo e Minas Gerais, que definia, em princípio, a alternância de presidentes paulistas e mineiros. Como resultado acaba surgindo a Aliança Liberal, tendo como candidato Getúlio Vargas.

No entanto, Júlio Prestes acabou obtendo êxito, o que acarretou protestos por parte de membros da Aliança Liberal que se aliaram aos militares tenentistas, ocasionando, posteriormente, a queda de Washington Luís e a conseqüente ascensão de Getúlio Vargas, onde vai se manter à frente do poder ao longo de 15 anos na condição de, sucessivamente, chefe do Governo Provisório, que se estendeu de 1930 a 1934; de 1934 a 1937 como presidente constitucionalmente eleito e, de 1937 a 1945, como chefe da ditadura do Estado Novo.

No plano institucional foram estabelecidas várias mudanças: foram dissolvidos o Congresso Nacional e os Legislativos Estaduais e Municipais, demitidos os governadores dos Estados e nomeados em seu lugar interventores identificados com o Governo Provisório.

Com relação à organização do Estado também surgiram várias mudanças, uma delas diz respeito à própria autonomia dos estados, que foi marcante durante a Primeira República. Mas, com a implantação da Revolução, a situação começa a se modificar conforme o anseio do Movimento Tenentista, onde ficava explícita a proposta de combate ao poder das oligarquias: "A forte presença dos Tenentes nos

anos iniciais da Revolução criou condições para que se processasse a desejada centralização do Estado que, em grande medida alcançou seu objetivo. "¹

Entretanto, a proposta inicial dos tenentes, da representação por meio do sistema eleitoral foi substituída pela idéia da necessidade de um governo ditatorial.

Passando a tratar do nosso objetivo específico, ou seja, a política econômica federal, especialmente aquela relativa ao setor mineral, verificou-se que esse tema veio a se constituir num objeto de discussão do governo Vargas. Em fevereiro de 1931, Getúlio Vargas expressa pela primeira vez preocupação com as riquezas minerais ao enfatizar a necessidade de nacionalização das nossas reservas minerais, principalmente, das nossas jazidas de ferro. Nesse período, foram emitidos alguns decretos criando vários órgãos governamentais com vistas ao desenvolvimento econômico do país por meio do aproveitamento das riquezas do subsolo.

Dentre esses órgãos, temos o Laboratório Central da Produção Mineral, Serviço de Águas e Escola Nacional de Química. Mas, um órgão iria exercer importância fundamental para fomentar a atividade extrativa mineral no Rio Grande do Norte. Seria ele, o Departamento Nacional de Produção Mineral, tendo como principal tarefa o estudo de assuntos ligados à mineração no país e o correspondente ensino técnico e que, a partir desse momento, tem como sigla DNPM.

Em 10 de julho de 1934, tem-se a institucionalização do Código de Minas, que teve como principal redator Domingos Fleury da Rocha, na época, diretor do DNPM e, posteriormente, viria a ser cobrado pelos produtores de scheelita, acerca do fechamento do Laboratório de Minérios no Rio Grande do Norte, em 1957. O Código de Minas trazia algumas inovações, conforme o relato a seguir:

¹ GREMAUD, Amaury Patrick,; SAES, F.; TONETO JUNIOR, R. O processo de industrialização na era do populismo. In: Formação econômica do Brasil. São Paulo: Atlas, 1997, p. 99

"O Código de Minas estabelecia como postulado básico e inovador a distinção entre a propriedade do solo e a propriedade das minas e demais riquezas do subsolo para efeito de exploração ou aproveitamento industrial. Ao caracterizar as jazidas como bens imóveis, distintos e não integrantes da terra em que se encontravam, o Código atrelou o aproveitamento das jazidas à autorização ou à concessão do governo federal. A competência dos estados para autorização de pesquisa e concessão de lavra foi expressamente condicionada à criação de um serviço técnico e administrativo, cuja administração deveria ser aprovada pelo congresso federal."²

Portanto, o Código de Minas veio para regulamentar o processo de exploração no setor mineral ficando, praticamente, todas as concessões vinculadas à autorização federal. Até mesmo, a criação de órgãos na esfera estadual necessitavam de aprovação do governo federal.

O processo de regulamentação do setor mineral também foi abordado pelas Constituições que abrangeram a Era Vargas, trazendo posicionamentos diversos a respeito da questão mineral, ou seja, em certos momentos a Constituição brasileira restringia a participação de estrangeiros na exploração de nossas riquezas minerais e, em outras ocasiões, permitia ao capital externo o acesso as nossas riquezas minerais.

Toda essa discussão sobre a exploração do setor mineral pode ser identificada nas Constituições de 1934 e 1937. A de 1934, trazia um princípio que permitia a participação de estrangeiros na exploração mineral, com a condição de que estivessem organizadas numa empresa nacional, segundo o artigo 119: "1º As autorizações ou concessões serão conferidas a brasileiros ou empresas organizadas no Brasil, ressalvada ao proprietário preferência na exploração ou co-participação nos lucros"³

² DIAS, Renato Feliciano (Org.) *A mineração no Brasil e a Companhia Vale do Rio Doce*. Rio de Janeiro: CVRD, 1992. p 174

³ BARBOSA, Alfredo Ruy. *A mineração nas constituições brasileiras*. In: __ GUERREIRO, Gabriel: *constituente: a nova política mineral*. Brasília: CNPQ, 1988. p. 64

Já a Constituição de 1937, trazia uma inovação ao restringir a participação de estrangeiros na exploração industrial das minas e jazidas minerais, de acordo com o artigo 143: " 1º A autorização só poderá ser concedida a brasileiros, ou empresas constituídas por acionistas brasileiros, reservada ao proprietário preferência na exploração, ou participação nos lucros. "⁴

Essa inovação introduzida na Constituição de 1937, proibindo explicitamente o aproveitamento industrial das minas e jazidas minerais por parte dos estrangeiros, está em completa conformidade com o espírito nacionalista que caracterizou o advento do Estado Novo, vindo a refletir na implantação do novo Código de Minas.

Em 1940, foi promulgado o Novo Código de Minas, justamente para incorporar os princípios nacionalistas da Constituição de 1937, estabelecendo que o direito de pesquisar ou lavrar só poderia ser outorgado a brasileiros, pessoas naturais ou jurídicas, sendo estas representadas por sócios ou acionistas do Brasil.

Mas, segundo Francisco Iglésias, a grande meta de Getúlio Vargas era a implantação de uma siderúrgica que já vinha sendo debatida há alguns anos. Desde 1940, quando o Brasil participou de um Congresso, em Estocolmo sobre a exploração de minério de ferro, onde estavam presentes representantes do mundo inteiro, no qual, foi apresentado um relatório expondo o grande potencial do Brasil em minério de ferro. Fato que provocou uma verdadeira corrida empreendida por empresas estrangeiras com a finalidade de realizar investimentos no Brasil.

Dentro dessa perspectiva de implantação de uma siderúrgica no país, Maria Vilma Cunha, relata que foi preparada toda uma infra-estrutura necessária a implantação de um parque industrial, onde energia, transporte e mão-de-obra eram fundamentais. As pesquisas minerais foram dinamizadas abrangendo a maioria dos

⁴ Ibidem, p. 65

estados. Estas incluíam o tungstênio, do qual o Rio Grande do Norte era o maior produtor nacional e, tornando-se muito valorizado no mercado mundial no período que antecedeu à Segunda Guerra Mundial.

1.2 A 2ª Guerra Mundial e seus efeitos sobre a produção mineral brasileira

O período que antecedeu a 2ª Grande Guerra Mundial e, até mesmo, durante a referida guerra, foi de considerável importância para diversos setores da economia brasileira. Dentre eles, o setor mineral que teve sua exploração estimulada inegavelmente pelos acontecimentos da Guerra, visto que as nações aliadas, abasteciam-se de minerais fornecidos pela Europa e pelos países do extremo oriente, e passaram a incentivar sobremaneira a exploração de jazidas minerais em outras localidades.

O desenvolvimento da Segunda Guerra favoreceu a uma crescente aproximação entre o Brasil e os Estados Unidos. O parque industrial norte-americano tinha uma necessidade das matérias-primas estratégicas existentes no Brasil, além disso tinha um interesse também em bloquear as possibilidades de acesso do Brasil ao comércio alemão.

O primeiro passo efetivo na colaboração Brasil - Estados Unidos ocorreu em 1941, quando o Eximbank, um banco de exportação e importação de capital predominantemente norte-americano, e autoridades brasileiras assinaram o acordo de Washington. Segundo Jacob Gorender, umas das conseqüências benéficas ao Brasil durante o período da 2ª Guerra Mundial foi a assinatura dos chamados Acordos de Washington, que eram acordos econômicos, segundo os quais, os Estados Unidos estabeleceram preços fixos para uma série de produtos brasileiros. Os preços eram extremamente favoráveis ao Brasil, visto que, estavam situados

acima das cotações internacionais, fato explicado pelo interesse dos Estados Unidos em estimular a produção de certos produtos de importância estratégica.

Entre os itens desse acordo consta uma série de produtos de natureza mineral: o quartzo, o cobalto, o tungstênio, a mica, o minério de ferro e o minério de manganês.

A eclosão desta guerra permitiu ao Brasil tornar-se um grande empreendedor da indústria de base, pois foi durante esse período, mais precisamente, no início da década de 1940, com a ajuda do capital estrangeiro, sobretudo do Eximbank, que foi implantada a Companhia Siderúrgica Nacional, em Volta Redonda. Sobre essa parceria com os Estados Unidos, Edgard Carone relata:

"Diante da guerra, do perigo nazista, da necessidade de os Estados Unidos se afirmarem nas Américas e também, por causa do espírito aberto de Franklin D. Roosevelt, o governador americano, através do Export and Import bank, empresta 25 milhões de dólares, que com 25 milhões brasileiros, forma o capital da Companhia Siderúrgica Nacional."⁵



Entretanto, a disponibilidade de recursos provenientes dos Estados Unidos trazia intrinsecamente a obrigatoriedade de que, os materiais e técnicos utilizados pela Companhia, deveriam ser oriundos dos Estados Unidos.

Pode-se mencionar ainda, outras iniciativas empreendidas durante o estado de beligerância pelo qual passava o mundo que, inegavelmente, contribuíram para estimular a atividade mineral no país e, conseqüentemente, a indústria pesada. Entre essas medidas, temos a criação da empresa estatal Vale do Rio Doce que, segundo Jacob Gorender, teve um papel primordial no esforço de guerra aliado, na proporção em que iria racionalizar a exportação de minério de ferro.

⁵ CARONE, Edgard. *O Estado Novo (1937 - 1945)*. Rio de Janeiro: Difel, 1977. p. 80

Mais uma vez, o Eximbank entra em cena como um grande financiador de um empreendimento do setor mineral. Desta vez, ao conceder um empréstimo no valor de 14 milhões de dólares destinados à ampliação e melhorias na parte de infraestrutura da Companhia Vale do Rio Doce.

Todos esses investimentos eram imprescindíveis para que o governo brasileiro pudesse atingir a meta de exportação de 1,5 milhão de toneladas de minério de ferro prevista nos acordos de Washington.⁶

A Segunda Guerra Mundial também teve seus reflexos no Nordeste do Brasil, pois, a região era bastante rica em jazidas minerais, principalmente, no Estado do Rio Grande do Norte, que ganhou grande importância durante a guerra quando foram descobertas as primeiras jazidas de scheelita, minério do qual se extrai o tungstênio, utilizado largamente pela indústria bélica e da aviação.

Na exploração e comercialização desse minério teve grande importância a atuação do DNPM, criado em 1934 no governo de Getúlio Vargas.

Portanto, para Jacob Gorender, o período da guerra é o que melhor caracteriza o Estado Novo, como impulsionador do desenvolvimento industrial, e fator de modernização da economia.

1.3 O governo Juscelino Kubitschek

Com o suicídio de Getúlio Vargas, em 24 de agosto de 1954, assume o vice, Café Filho, que seria responsável pela condução das eleições de 1955, que levaram à vitória de Juscelino Kubitschek, como presidente, e de João Goulart seu vice.

⁶ DIAS, Renato Feliciano (Org.) *A mineração no Brasil e a Companhia Vale do Rio Doce*, p. 190

Seu governo implementou com a política desenvolvimentista um novo dinamismo à economia. Tendo como principal marca o slogan "Cinquenta anos de progresso em cinco anos de governo" e, para consecução de tal objetivo, criou o Programa de Metas, mais conhecido como Plano de Metas que pretendia contemplar vários setores produtivos de nossa economia.

Foi justamente com a implantação deste plano, que se pôde verificar uma maior estabilidade no decorrer do mandato de Juscelino Kubitschek, haja vista, que o início do governo foi um pouco conturbado, conforme o relato a seguir:

"O clima de otimismo instalado pela industrialização com base no Plano de Metas e pela construção de Brasília (auxiliado ainda, em 1958, pela conquista da Copa do Mundo de Futebol) reduzia o impacto das críticas feitas ao governo."⁷

O principal objetivo do plano era acelerar o processo de acumulação por meio do aumento da produtividade dos investimentos já existentes, além da aplicação de novos investimentos em atividades produtivas. Essa opção pela política industrializante no governo de Juscelino Kubitschek, consubstanciada pelo Plano de Metas, decorria das pressões dos grupos urbanos que haviam ajudado à eleição de Juscelino.

O Plano propiciou, ainda, uma rápida modificação na estrutura econômica através do crescimento, modernização e implantação de novos ramos no setor industrial. No entanto, algumas das metas propostas não conseguiram ser atingidas como foi o caso da produção de carvão e aço que obtiveram um resultado bem abaixo do que havia sido conjecturado.

⁷ GREMAUD, Amaury Patrick.; SAES, F.; TONETO JUNIOR, R. O processo de industrialização na era do populismo. In: ____ **Formação econômica do Brasil**, p. 104

No que diz respeito ao setor mineral, suas metas estavam previstas nos setores de energia e indústria de base, sendo de fundamental importância tanto para o desenvolvimento da infra-estrutura energética, quanto para a indústria de base, além da arrecadação de divisas para o nosso país através das exportações.

As metas traziam projeções que trabalhavam com o aumento da produção mineral contribuindo assim, para o programa de industrialização. As disposições que tratavam dos metais não-ferrosos incluíam o incremento da produção de chumbo, estanho, níquel e cobre e a implantação da metalurgia do zinco até 1960.⁸ Vale ressaltar, que com a construção de Brasília, vamos ter também um aumento na demanda por calcário.

O período de Juscelino tornou-se conhecido também por ter privilegiado "o ingresso maciço do capital estrangeiro reservando porém ao Estado o papel de mediador entre as empresas públicas, as empresas privadas nacionais e as empresas estrangeiras, garantido-lhe assim o exercício de funções produtivas, financeiras e de financiamento."⁹

Essa prática política de privilegiar a entrada do capital estrangeiro no nosso país terá reflexos diretos na economia potiguar, com a entrada de empresas estrangeiras na exploração de nossas riquezas minerais, principalmente a scheelita.

A participação do capital estrangeiro teve uma importância fundamental no governo de Juscelino Kubitschek, pois o governo não dispunha de recursos financeiros suficientes para realizar os investimentos públicos em infra-estrutura. Sendo assim, com o intuito de atrair o capital estrangeiro, que seria responsável pela instalação de novos ramos industriais, passou-se a oferecer um tratamento favorável ao ingresso de recursos externos.

⁸ DIAS, Renato Feliciano (Org.) *A mineração no Brasil e a Companhia Vale do Rio Doce*, p. 247

⁹ *Ibidem*, p. 245

O governo de Juscelino Kubitschek também ficou marcado pela criação da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), criada em 15 de dezembro de 1959 e que, inicialmente, foi dirigida pelo economista Celso Furtado. Com referência ao setor mineral, este demonstrou uma grande preocupação com a exploração dos recursos naturais não-renováveis, tomando as seguintes providências:

"... não só com a abertura de uma rede rodoviária que permitisse escoamento da produção para os centros de consumo, como também pelo estímulo ao desenvolvimento da pesquisa, da exploração e beneficiamento de minerais."¹⁰

Conforme relata Manuel Correia de Andrade, são conhecidas as suas preocupações com a racionalização da produção de gipsita, com jazidas em numerosos estados do Nordeste, visando a produção de gesso e cimento.¹¹ Chegando, inclusive, a repassar investimentos por parte da SUDENE com vistas à implantação de uma indústria de superfosfatos, que beneficiaria tanto o gesso obtido do beneficiamento da fosforita em Olinda como o das reservas de gipsita do Araripe.

A SUDENE também se fez presente na formação da mão-de-obra que iria atuar no setor mineral, pois um dos problemas que restringiam o desenvolvimento da mineração era a falta de mão-de-obra qualificada, nas atividades especializadas, o que acabava provocando o uso de técnicos estrangeiros. Com o intuito de suprir essa carência em mão-de-obra, a SUDENE passou a fornecer recursos para a implementação de cursos de geologia pelo Brasil, sendo um deles implantado em Recife.

¹⁰ ANDRADE, Manuel Correia de. **A mineração no Nordeste: depoimentos e experiências**, p. 15

¹¹ *Ibidem*, p. 15

Em consonância com as políticas desenvolvimentistas implantadas para o Nordeste, o Senador Kerginaldo Cavalcanti passou a exigir do governo federal mais investimentos para a região, principalmente, para o Rio Grande do Norte, conforme se pode constatar através dos Anais do Senado:

"Declaro, ainda, para conhecimento do meu preclaro e ilustre amigo, senhor Pimentel Gomes, que a convite do Governador Dinarte Mariz, com a presença de representantes do meu Estado, solicitamos do senhor Juscelino Kubitschek, Presidente da República, sua clarividente atitude no sentido de que o Rio Grande do Norte seja beneficiado com a linha de extensão da energia do São Francisco: e ouvimos de Sua Excelência o asseguramento de que o meu Estado irá ser atendido."¹²

Todo esse apelo tinha como principal objetivo proporcionar ao Estado uma melhor infra-estrutura para o aproveitamento de nossas riquezas minerais, entre elas: a Scheelita, Sal e o Gesso.

¹² ANAIS do Senado. [Rio de Janeiro], 1957. v. 5: Rio Grande do Norte. Ementa: Lendo o artigo do Sr. Pimentel Gomes sobre a Industrialização do Rio Grande do Norte; Discurso do Sr. Kerginaldo Cavalcanti. Disponível em : < www.senado.gov.br > Acesso em: 13 maio 2005. p. 619

2 A ECONOMIA NORTE-RIO-GRANDENSE E A EXTRAÇÃO DE SCHEELITA

2.1 Breve histórico da extração mineral no Estado

O Estado do Rio Grande do Norte apresenta uma grande diversidade de produtos minerais, contando desde a década de 1930, incipiente garimpagem de ferro, cristal de rocha, pedra-pume, berilo, marcassita, pedra calcária e ouro.¹³

Mas, um dos elementos minerais que obteve grande destaque em nosso estado foi a produção de Cloreto de Sódio, mais conhecido como sal de cozinha. Descobertas no século XVII, passaram a ter grande importância no século XVIII, quando:

"Foram implantadas no Ceará e no Rio Grande do Norte as famosas 'oficinas' em que os grandes fazendeiros abatiam o gado e salgavam a carne de sol ou carne do Ceará para exportá-la para as áreas consumidoras, localizadas sobretudo na porção canavieira do Nordeste."¹⁴

O processo de produção salineira era bastante simplificado e o investimento inicial era baixo, que consistia na construção de diques para separar determinadas áreas da planície do leito maior dos rios, e também tanques que serviam para a evaporação da água e cristalização do Cloreto de Sódio. Já o transporte do sal era realizado em navios atracados ao largo do litoral Norte-rio-grandense, sendo o produto levado até eles em barcos apropriados.

¹³ CUNHA, Maria Vilma. *A mineração em Currais Novos: um estudo do cotidiano operário*. Natal: UFRN, 1988. p. 39

¹⁴ ANDRADE, Manuel Correia de. *A mineração no Nordeste: depoimentos e experiências*, p. 86

Sobre as condições dos trabalhadores, pode-se afirmar serem estas bastantes difíceis por se tratar de um ambiente insalubre, como confirma o relato seguinte:

"Os trabalhadores não tinham qualquer garantia nem proteção em um trabalho tão insalubre. Desenvolviam-se moléstias profissionais que atacavam os pés e as pernas dos que trabalhavam dentro de tanques com águas salgadas de elevado teor, e a luminosidade provocada pela grande extensão das salinas provocava, muitas vezes a cegueira. O transporte do sal, feito nas costas dos trabalhadores, provocava a formação de saliência que eram popularmente comparadas aos zebus."¹⁵

Essas condições desumanas em que os trabalhadores encontravam-se suscitou uma série de reivindicações, que contestavam, principalmente, a exploração praticada contra eles. É desse período também a organização de sindicatos e cooperativas considerados como sendo um dos mais combativos nos meados do século XX.

No que diz respeito aos estados produtores de sal no Nordeste, nosso estado ocupava uma posição de destaque, sendo responsável por mais de 70% da produção brasileira ocasionando, desde a década de 20, a formação de empresas de expressão econômica dedicadas à exploração de sal.

Outra atividade econômica de grande relevância para o Estado foi a exploração de gipsita, permitindo a liderança em produção nacional nas décadas de 40 e 50.

A gipsita começou a ser explorada no ano de 1912 através do farmacêutico Jerônimo Rosado, que adquiriu nas proximidades de São Sebastião a propriedade Barreiras, dando início aos seus trabalhos sob o regime de garimpagem. O começo foi marcado por dificuldades, em virtude da falta de infra-estrutura para a realização do transporte. Entretanto, procurou-se superá-las com o empreendimento de estudos

¹⁵ ANDRADE, Manuel Correia de. *A mineração no Nordeste: depoimentos e experiências*, p. 88

que determinavam a capacidade de produção das minas, bem como a busca por contatos com possíveis compradores do minério no Nordeste e Sul do país.

Além dessas medidas, buscou-se divulgar o produto ao enviar amostras da gipsita potiguar para um evento que estava ocorrendo no Rio de Janeiro, onde obteve grande premiação. Em seguida, enviou uma amostra de gesso ao então presidente da Câmara Federal, para que fosse utilizada nos estuques do Palácio Tiradentes, que se encontrava em construção.

Depois da morte de Jerônimo Rosado, os seus filhos: Dix-sept, Vingt e Vingt-Un Rosado deram continuidade à atividade de mineração, só que, dessa vez, com a introdução de algumas inovações, entre elas, a mecanização das atividades de mineração que proporcionaram a intensificação da produção de gesso. Outro elemento que beneficiou a sua produção foi a implantação da estrada de ferro Mossoró/Souza.

Dentre os descendentes de Jerônimo Rosado, Dix-Sept iria se destacar como sendo o impulsionador do empreendimento ao intensificar e mecanizar a extração de minério, e de organizar o transporte rodoviário em caminhões e o marítimo em barcaças.

A gipsita Norte-rio-grandense atingiu sua fase de maior expressão na década de 1950. Durante esse período, as explorações realizadas em Governador Dix-Sept Rosado, nas margens do riacho Tapuio, eram superiores a 50.000 t anuais.¹⁶ A cidade antes chamada Sebastianópolis mudou de nome e passou a chamar-se Governador Dix-Sept Rosado em homenagem a Dix-Sept que havia falecido em acidente aéreo.

¹⁶ ANDRADE, Manuel Correia de. **A mineração no Nordeste: depoimentos e experiências**, p. 80

Ainda, de acordo com Pimentel Gomes, em seu artigo intitulado "Riquezas do Rio Grande do Norte" publicado pelo jornal *A República*, pode-se perceber que o nosso estado possuía uma infinidade de minerais, conforme o seguinte trecho:

"... Várias minas ricas de ouro que ainda não estavam sendo exploradas. Tínhamos também a presença de columbita, berilo, estanho, tântalo e bismuto. O Seridó está se tornando uma das zonas mais mineralizadas do mundo. Apenas o Seridó, quase todo potiguar pode tornar riquíssimo o Rio Grande do Norte."¹⁷

E era justamente na região do Seridó do Rio Grande do Norte, que se tinha as maiores produções minerais com destaque, principalmente, para a scheelita que começou a ser explorada no início da década de 1940 e ocupou uma posição de liderança quando comparada a outros minerais, conforme se pode perceber através da análise da Tabela I, em anexo.

2.2 A exploração de Scheelita no Rio Grande do Norte: produção e comercialização

Os principais indícios de tungstênio no Nordeste datam do final da década de 1920, quando foram encontrados vestígios nos municípios de Acari, Parelhas e Santa Cruz. Porém, sua exploração sistemática só ocorreria anos mais tarde, mais precisamente, no desenrolar da 2ª Guerra Mundial, quando as nações beligerantes em razão de suas necessidades, passaram a estimular a exploração dos jazimentos.

Em 1940, têm início estudos no Rio Grande do Norte promovidos pelo governo nos municípios de Acari e Dix-Sept Rosado e, em 1941 é identificada uma jazida

¹⁷ GOMES, Pimentel. Riquezas do Rio Grande do Norte. *A República*, Natal, p. 3, 22 fev. 1957

em São João do Sabugi que desencadeou a descoberta de vários pontos mineralizados, principalmente, na região Seridó do Estado.

E, como já foi dito anteriormente, a própria peculiaridade da scheelita foi um elemento impulsionador de sua exploração, conforme, extraído do texto de Jaccoud D'Alembert:

"Material estratégico de primeiríssima ordem, material bélico de extrema importância, empregado na fábrica de aços especiais de grande dureza e resistência, destinado a máquinas perfuradoras e cortadoras na fábrica de obuzes e torpedos e, ainda, empregado em filamentos de lâmpadas elétricas."¹⁸

Diante dessas características, no início da Segunda Guerra Mundial, foi instalado no município de Parelhas, uma comissão de compras do governo americano que em contato com autoridades brasileiras passou a estimular proprietários de terras e empresários a explorarem os minerais estratégicos através do pagamento de preços elevados pelo produto.

Então, estavam dadas todas as condições para o começo de uma atividade econômica que obteve grande destaque no Rio Grande do Norte da década de 1940 até 1960 visto que, existia um mercado consumidor, havia matéria-prima abundante e uma farta mão-de-obra que facilmente seria recrutada.

A principal ocorrência de scheelita foi identificada no município de Currais Novos. Como se confirma no relato:

"A Scheelita em Currais Novos compreende um único corpo mineralizado que concentra 6,8 milhões de toneladas, representando 92 % das reservas nacionais. Sua incidência encontra-se em três diferentes

¹⁸ JACCOUD, D'Alembert. Trust americano esmaga os mineradores no Rio Grande do Norte. *A República*. Natal, p. 3, 3 out. 1957

minas que são propriedades privadas, exploradas por grupos econômicos e estrangeiros."¹⁹

Portanto, Currais Novos, tido como principal produtor nacional de scheelita, deu início a sua exploração por meio do regime de garimpagem. A escolha do modo de produção não foi feita ao acaso, pois como a região produtora estava localizada no Nordeste, uma área tipicamente de semi-árido, na qual, são raros os períodos chuvosos, foi fácil recrutar trabalhadores da agricultura que passavam a maior parte do ano ociosos, em razão do período estioso. Além disso, os instrumentos de trabalho não necessitavam de vultosos investimentos, por se tratarem apenas de ferramentas necessárias às escavações.

Esse tipo de exploração apresenta aspectos positivos e negativos, de acordo com o seguinte trecho:

"Embora os garimpos apresentem aspectos depredatórios nas suas pesquisas, a maioria das ocorrências de Scheelita no Nordeste foram descobertas por garimpeiros. Todas as minas atuais tiveram seu período de garimpagem nos primeiros meses de após-descoberta. Somente depois de sucesso inicial dos garimpeiros é que as jazidas entraram em fase de pesquisa mais racional por parte das companhias mineradoras da região."²⁰

Em outro trecho extraído da dissertação de Maria Vilma Cunha, também se conseguiu identificar a importância do papel do garimpeiro na indústria extrativa mineral:

"A importância do garimpeiro para a pequena empresa deve-se a dois aspectos: primeiro, todos os afloramentos de minérios na região foram identificados por garimpeiros, que prestaram importantes serviços à pesquisa mineral em benefício dos grandes grupos; segundo, toda

¹⁹ CUNHA, Maria Vilma. *A mineração em Currais Novos: um estudo do cotidiano operário*, p. 50

²⁰ BARBOZA, Frederico Lopes Meira. *Perfil analítico do tungstênio*. Rio de Janeiro:DNPM, 1973 p. 8

produção dos garimpos foi comercializada, através das grandes empresas, sendo o preço da mercadoria determinado livremente por elas."²¹

O próprio Desembargador Tomaz Salustino, proprietário de uma das maiores minas de scheelita no país, e eleito vice-governador do estado ao lado de José Varela, chegou a reunir 3.000 homens em sua mina, trabalhando em regime de garimpagem.²²

Entretanto, os garimpeiros como forma de se contraporem ao rígido sistema de vigilância do garimpo e, até mesmo, ao monopólio dos proprietários de terra, acabaram criando estratégias para retirada clandestina dos minérios. Um dos meios mais utilizados para tal prática eram as tropas de burros, que transportavam uma série de insumos para os garimpos:

"As tropas de burro utilizadas no abastecimento de água também promoviam a retirada clandestina do minério. Os barris entravam no garimpo com água e safam cheio de scheelita. Outra forma, era misturar a scheelita com o sal, o qual era utilizado, largamente, no processo de preparação da carne de sol e na salgação geral de carnes de "criação" e de boi, haja vista que eram comum o abatimento de animais para o fornecimento do garimpo"²³

Depois de efetivado o desvio da scheelita, a comercialização do minério ocorria em Currais Novos e cidades vizinhas.

Pouco a pouco as minas passaram a organizar-se como empresas, investindo na aquisição de equipamentos e passando a racionalizar as técnicas de trabalho. Datam dessa época: as minerações Tomaz Salustino, Bodó, Acauã, Bonito e Bonfim.

²¹ CUNHA, Maria Vilma. *A mineração em Currais Novos: um estudo do cotidiano operário*, p. 50

²² ANDRADE, Manuel Correia de. *A mineração no Nordeste: depoimentos e experiências*, p.66

²³ ALVES, Jefferson Fernandes. *O cultivo das pedras pesadas: um estudo do modelo extrativo-industrial da scheelita em Currais Novos*. Natal, 1997. p. 141

Com relação à comercialização, no início, toda a produção foi destinada à exportação em razão do preço tido como grande atrativo, além da baixa demanda do mercado interno. Com o fim do estado de beligerância, pelo qual estava passando o mundo, começa a ocorrer uma queda na curva do mercado dos minerais estratégicos concomitante à retirada do auxílio-técnico financeiro que o governo americano concedia através de sua comissão de compras acarretando o fechamento de várias jazidas.

Dadas essas mudanças, tem-se também uma na destinação da produção de scheelita. A produção global do Estado destina-se parte ao mercado internacional (Estados Unidos, Suécia, Inglaterra, Holanda e França) e parte ao mercado nacional. As exportações são realizadas pelos portos de Natal, Cabedelo-PB ou Recife-PE.²⁴

A procedência e destino das exportações de scheelita podem ser conferidas através da tabela II, em anexo, na qual fica visível que nos anos de 1954, 1955 e 1956 o principal destino de nossas exportações continuaram a serem os EUA.

Posteriormente, grupos econômicos estrangeiros passaram a interessar-se pela produção Norte-rio-grandense de scheelita. Mas, esse será um tema discutido no item seguinte.

2.3 A produção de Scheelita e economia Norte-rio-grandense

No início da década de 1940 a economia do Estado recebeu um grande impulso no seu crescimento. Dentre os elementos responsáveis por esse impulso na economia, tem-se, a exploração mineral, que, segundo Paulo Pereira dos Santos,

²⁴ BRASIL. Avaliação regional do setor mineral: Rio Grande do Norte. Brasília: DNPM, 1980. p.46

além de proporcionar um aumento na arrecadação estadual, servia também como elemento fixador das populações locais.

Sobre essa incipiente indústria extrativa-mineral, Juvenal Lamartine, posiciona-se:

"Surgiu, ultimamente, uma das mais importantes e remuneradoras indústrias extrativas, no interior do Rio Grande do Norte, que é a do minério. Estamos no começo de sua exploração, feita ainda por processos primitivos e anti-econômicos, mas, é tal a variedade e abundância dos minérios estratégicos, cujas jazidas se vão descobrindo continuamente, que já podemos afirmar, sem nenhum exagero, que minérios do Rio Grande do Norte, vão superar em importância e valor, o Ouro de Minas Gerais..."²⁵

Para José Augusto Bezerra de Medeiros, o surgimento da indústria extrativa mineral significava uma fonte de vida e de fortalecimento econômico na terra seridoense. Muito dos minérios já identificados apresentavam um valor indiscutível. Entre esses minérios está presente a scheelita, um minério de tungstênio, utilizado na composição de aços especiais, em ferramentas de precisão, instrumentos cirúrgicos e na indústria bélica, que abrangia vários municípios da região Seridó do Rio Grande do Norte e algumas cidades da Paraíba.

Entretanto, cabia ao Rio Grande do Norte cerca de 90% da produção nacional. É o que se pode perceber através de uma análise da Tabela II, em anexo, que o nosso estado ocupava uma posição de destaque no que diz respeito à produção extrativa de scheelita. Enquanto o estado da Paraíba, tinha uma produção insignificante na totalidade da scheelita produzida no país.

Quando se parte para uma comparação direta, constata-se, que o Rio Grande do Norte, no ano de 1955, foi responsável por 97% da produção de scheelita no país;

²⁵ LAMARTINE, Juvenal. *O Rio Grande do Norte e seus problemas econômicos*. Natal: Galhardo, 1953. p. 66

Em 1956, nossa participação caiu para 79%, voltando a subir no ano seguinte, com uma participação de 89%. Além disso, como consequência direta da grande produção, fomos responsáveis pela maior arrecadação.

Num contexto mais global, consegue-se identificar, por meio das consultas efetivadas, que o Brasil figurava em sexto lugar no mundo como produtor de scheelita, depois da China (cuja produção ascende a cerca de 30 a 40 mil toneladas anuais), Coréia, Bolívia, Estados Unidos e Portugal.

Mas, na minha concepção, um dos grandes aspectos positivos da extração mineral de scheelita para o Rio Grande do Norte e, para as cidades que a produziam, principalmente, Currais Novos, Santana do Matos, Jardim do Seridó e São Rafael foi, sem dúvida alguma, a geração de emprego e renda. Ao se pesquisar no jornal *A República*, constata-se dados relevantes sobre a geração de emprego, conforme o seguinte trecho:

"Quase metade da renda de Currais Novos provém da mineração de Tungstênio, sem mencionar os benefícios indiretos da mesma. Graças a Xilita, Currais Novos é, hoje, o terceiro município em concentração operária do Estado, logo depois de Natal e Mossoró e o primeiro quanto ao peso da mão-de-obra no conjunto da população: mais de 10.000 em 30.000 habitantes, isto é, além de 33 por cento. Estima-se que, em toda a região, em torno de 50.000 pessoas estejam envolvidas na exploração de xilita."²⁶

Na época, apresentando um raciocínio semelhante à citação anterior, e com uma análise mais abrangente, o Diretor Executivo do Conselho de Desenvolvimento Econômico do Nordeste, economista Celso Furtado, afirma:

"A exploração de scheelita que já alcançou 5 milhões de dólares, constitui fonte de divisas fortes para o Brasil e, pelo fato de estar

²⁶ BRASIL já está em 6º lugar entre os produtores de xilita. *A República*, Natal, p. 1, 29 nov. 1959

concentrado em uma das regiões mas pobres do Nordeste, reveste de grande importância social."²⁷

Diante de todo esse desenvolvimento econômico proporcionado pela extração mineral de scheelita, o Estado vai passar a contar com a presença de vários grupos estrangeiros que vão interessar-se pela produção Norte-rio-grandense, passando a arrendar minas aos proprietários de lavra.²⁸ Tendo suas atuações facilitadas pela política econômica nacional, haja vista, o grande espaço que existia para a entrada do capital estrangeiro, fruto da política desenvolvida por Juscelino Kubitschek.

Dessa forma, vieram a se instalar na nossa região vários grupos econômicos.

Segundo Jefferson Fernandes:



"No caso particular da Hochschild, sua presença no Seridó se dá a partir de 1946, quando se instala em Campina Grande, um escritório de sua empresa 'Importadora e Exportadora de Metais Brasimet SA' - constituída em 1942, na esteira da demanda generalizada por matérias-primas minerais para comprar a produção de Scheelita da região. Com a abertura da esfera de produção ao capital estrangeiro, funda em 1953, a Mineração Sertaneja Ltda que antes de arrendar Barra Verde no final dos anos 60, dedicou-se às prospecções e exploração da Mina Bonito (Jucurutú/RN) e Mina Quixabá (Várzea/ PB) em 1953, e das minas Bodó e Cafuca (Santana do Matos/RN)."²⁹

Ainda tiveram outros grupos, tais como: a Anglo American, a Union Carbide e, a Wha Chang, que em 1955 passou a explorar a Barra Verde com a ajuda do DNPM na parte de prospecção da mina.

Uma das maiores minas de scheelita, localizada no município de Currais Novos, chegou, inclusive, a receber a visita de técnicos norte-americanos, que se

²⁷ PROPÕE o CODENO: crédito de 50 milhões para a recuperação do Mercado Internacional da Scheelita **A República**, Natal, p. 1, 09 set. 1959

²⁸ ANDRADE, Manuel Correia de. **A mineração no Nordeste: depoimentos e experiências**, p. 67

²⁹ ALVES, Jefferson Fernandes. **O cultivo das pedras pesadas: um estudo do modelo extrativo-industrial da Scheelita em Currais Novos**, p.159

propunham a arrendá-la, fato que não chegou a ser concretizado, como se pode perceber:

"... Ultimamente, foi visitado por um grupo de técnicos norte-americanos. Demoraram-se três meses em incansáveis pesquisas. Habitavam o Hotel confortável que existia na fazenda em pleno semi-deserto. Depois se dispuseram a arrendar minas por cinco anos. Comprometiam-se a construir estradas asfaltadas ligando Currais Novos a Natal e a Campina Grande. Reparariam a Mina. Dariam de início um cheque de 100 milhões ao proprietário. Passado o lustro do contrato todas as instalações lhe pertenceriam. Mas a oferta não foi aceita."³⁰

Mesmo admitindo que a exploração mineral suscitou uma série de benefícios para o Rio Grande do Norte, não se pode esquecer as questões negativas que eram inerentes a esse tipo de atividade. Sob esse aspecto, Paulo Pereira dos Santos afirma que o crescimento repentino na economia Norte-rio-grandense, proporcionado pela exploração mineral, acabou trazendo algumas conseqüências para nosso estado, ocasionado pela corrida dos produtores para algumas culturas em ascensão. E, essa migração de produtores para outras culturas acabou proporcionando uma evasão financeira para a compra de víveres em outro estado.

Da mesma forma de outras atividades econômicas que obtiveram destaque no passado, e tinham sua produção orientada pela demanda do mercado externo, observa-se, que, no caso da scheelita ocorre a mesma situação, pois toda produção era voltada para atender ao mercado externo.

Manuel Correia de Andrade confirma essa formulação ao relatar que foi assim com o desenvolvimento da economia açucareira; com o algodão, que se constituiu num forte elemento de atração de capitais estrangeiros, sobretudo ingleses; o extrativismo da cera de carnaúba e do óleo de oiticica. Além da nossa vocação para

³⁰ GOMES, Pimentel. Riquezas do Rio Grande do Norte. A República, p. 3

mineração e exportação de minérios, no qual, éramos detentores da scheelita produzida no país.

Entretanto, todo esse crescimento da produção, posterior à Segunda Guerra Mundial, não pôde ser considerado como um indicador de desenvolvimento, mas, sim um crescimento. Já que ocorreu um grande desprezo pelo social e ecológico, sendo, muitas vezes, conquistado às custas do empobrecimento, da queda da qualidade de vida da população e da dilapidação e degradação dos recursos naturais.³¹

Foi também durante esse período que o capital estrangeiro, utilizando as facilidades oferecidas pelo Estado para explorar recursos minerais, começaram a competir com empresas locais na exploração de um mineral estratégico: a Scheelita.

Por último, Manuel Correia afirma que os únicos beneficiados com a dinamização dessa economia foram os grupos transnacionais e os seus aliados do Rio Grande do Norte, de vez que as condições de vida da população, quanto aos níveis de alimentação, de habitação e saúde vêm se deteriorando com o processo de crescimento econômico.³²

³¹ ANDRADE, Manuel Correia de. **A produção do Espaço norte-rio-grandense**. Natal: Universitária, 1981. p. 37

³² *Ibidem*, p. 41

3 A CRISE DA PRODUÇÃO

3.1 Os fatores da crise

Durante a realização do trabalho, ficou constatada que a exploração mineral de scheelita enfrentou inúmeras dificuldades durante o período em foco. O principal problema enfrentado pela atividade extrativa foi a questão da oscilação de preços no mercado internacional, fruto da própria natureza do mineral.

Como já foi dito, o início da produção de scheelita ocorreu entre os anos de 1942/45 com a descoberta das jazidas minerais no estado. Nesse tempo, o tungstênio, extraído da scheelita, era absorvido quase que exclusivamente por indústrias de armas, ocasionando uma grande procura pelo produto durante a Segunda Guerra Mundial. Terminada a guerra, a solicitação do mineral entrou em fase de declínio, devido à queda nos preços, só havendo uma nova ascensão em 1950, com o conflito da Guerra da Coreia.

O que nos permite concluir, e até corroborado por outros artigos, é que a nossa scheelita estava sujeita a influências externas.

Sob esse aspecto, da queda progressiva da produção brasileira de scheelita, Maria do Livramento Clementino afirma:

"Os países consumidores (exceto os Estados Unidos) não dispunham de meios de pagamento. O enorme desenvolvimento da produção do minério, e os estoques que subsistiam, não encontraram senão compradores arruinados. Recai o preço em quedas sucessivas."³³

Fato que determina o ápice da crise no ano de 1949. Mas, no ano seguinte, graças ao contexto da crise dos EUA com a Coreia (tida como grande produtora) têm-se um

³³ CLEMENTINO, Maria do Livramento. **Economia e urbanização: o Rio Grande do Norte nos anos 70.** Natal: UFRN/CCHLA, 1995. p. 151

rápido crescimento dos preços, em razão das alterações que a guerra proporcionou sobre o mercado. Alteração que pode ser constatada por meio da análise dos dados da Tabela III, anexa, na qual, se observa uma diferença extrema nas exportações de scheelita de 1949 para 1950/51, fruto do aumento das exportações.

Analisando, ainda, a queda dos preços dos produtos é possível fazer outras apreciações no intuito de identificar os elementos responsáveis pela eclosão da citada crise. Segundo Celso Furtado, ao realizar uma análise do problema, chegou a conclusão que tal situação era proveniente da própria posição do Brasil como produtor no mercado mundial, ou seja, em 1959, o Brasil respondia por aproximadamente 5 % da produção mundial de scheelita e, sendo assim, não tinha condições de interferir nas negociações do preço internacional da scheelita.

Além do ano de 1949, o mercado internacional enfrentou outra grande crise ocorrida a partir do ano de 1956. Só para exemplificar, a queda do minério de scheelita foi tão brusca e vertiginosa, que o seu preço, em 1957, passou de 160 para 40 cruzeiros.³⁴ Os fatores que impulsionaram essa queda no preço do mineral podem ser conferidos no seguinte trecho:

"A partir de 1956, ocorreu no mercado internacional uma baixa extremamente acentuada no preço da Scheelita, motivada pela interrupção das compras que o governo dos Estados Unidos vinha realizando, desde o início da Guerra da Coréia, com o objetivo de ampliar a capacidade de produção desse artigo estratégico fora das zonas tradicionais de suprimento - a China e a Coréia - e agravada pela recessão industrial que afetou os Estados Unidos e a Europa Ocidental em 1957-58."³⁵

³⁴ JACCOUD, D'Alembert. Trust americano esmaga os mineradores no Rio Grande do Norte, p. 3

³⁵ PROPÕE o CODENO: crédito de 50 milhões para a recuperação do Mercado Internacional da Scheelita p.1

Então, diante dessa situação, algumas empresas mineradoras nacionais de pequeno e médio porte, não conseguiram operar e acabaram sucumbindo diante da crise, oriunda da queda nos preços. Muitas empresas foram à falência ou venderam o direito de exploração das jazidas a grupos transnacionais.

Um outro problema levantado durante a realização do estudo, diz respeito justamente, a presença de grupos estrangeiros na exploração dos produtos minerais norte-rio-grandenses.

Uma das principais empresas estrangeiras foi a Wha Chang, que veio a instalar-se no Rio Grande do Norte no período da 2ª Guerra Mundial. Wha Chang é um poderosíssimo trust que domina toda a produção de tungstênio no Mundo Ocidental, ditando condições e preços.³⁶

Sua atuação deu-se através do arrendamento de minas em vários pontos do estado, principalmente, em Currais Novos, maior região produtora do Estado. Por se tratar de uma empresa com grande poderio econômico, pôde a Wha Chang, impor aos produtores potiguares preços irrisórios na aquisição dos minerais.

Mas, não foi apenas esta dificuldade que este grupo impôs aos produtores potiguares, conforme se pôde perceber através da análise do seguinte trecho:

"Mas, além de forçar a queda do preço do minério, causando com isso um prejuízo de 20 cruzeiros por quilo ao produtor nacional, impôs o "trust" aos brasileiros uma condição humilhante e vexatória: a xelita seria comprada a 60 cruzeiros, sendo 60% do pagamento efetuado na ocasião do embarque e o restante após o resultado da análise procedida por laboratórios americanos. A análise criteriosa e honesta, sempre feita, até então, por técnicos brasileiros já não servia ao "trust" em seu objetivo de criar obstáculos para estrangular definitivamente o minerador nacional quebrando as últimas resistências."³⁷

³⁶ JACCOUD, D'Alembert. Trust americano esmaga os mineradores no Rio Grande do Norte, p. 3

³⁷ Ibidem, p. 3

Sobre esse mesmo aspecto, encontra-se, também, reivindicações feitas por várias autoridades, entre elas, o Senador Kerginaldo Cavalcanti, que afirma:

"Desgraçada e infelizmente para todos nós, entretanto, já se aproxima do Rio Grande do Norte as garras dos trustes Norte-americanos. Estes trustes ameaçam as iniciativas indígenas, dominarão, em futuro, talvez próximo, os preços e imporão aos mercados, de que já são os donos, quase exclusivos, as condições da obtenção do minério."³⁸

A continuidade dessa prática assinalou resultados bastante negativos para a economia do Estado. Diversas minas de grande notoriedade no Rio Grande do Norte encerraram as atividades trazendo como conseqüência o desemprego para milhares de operários que atuavam na exploração mineral de scheelita.

A crise foi agravada em 1958, quando no Brasil, apenas duas empresas continuaram as explorações: a Mineração Wha Chang, assegurada, apenas, por um contrato de fornecimento diário de 5 a 7 toneladas do metal ao governo americano e a Mineração Tomaz Salustino S/A.³⁹

Com relação às medidas governamentais, com o intuito de prestarem uma maior assistência financeira à indústria da scheelita, pode-se afirmar que estas medidas foram ínfimas e, que motivaram os protestos por parte de várias autoridades e produtores, sendo um dos objetos de estudo do item seguinte.

Apenas para citar um exemplo, pode-se falar sobre a ausência de um laboratório de análises minerais, ou, até mesmo, do funcionamento de forma precária do órgão que exercia essa função, e que implicava em sérios problemas para o embarque de nossos produtos minerais para exportação.

³⁸ ANAIS do Senado. [Rio de Janeiro], 1957. v. 5: Rio Grande do Norte. Ementa: Lendo o artigo do Sr. Pimentel Gomes sobre a Industrialização do Rio Grande do Norte; Discurso do Sr. Kerginaldo Cavalcanti. p. 614

³⁹ CLEMENTINO, Maria do Livramento. **Economia e urbanização: o Rio Grande do Norte nos anos 70**, p. 151

3.2 A defesa da produção: o discurso dos parlamentares norte-rio-grandenses

Neste tópico, procurou-se identificar por meio de uma abordagem a documentos diversos, principalmente, artigos de jornal e atas de sessões do Poder Legislativo, a atuação de parlamentares do estado e produtores no combate a crise pela qual estava passando a produção de scheelita no estado.

Embora o foco principal tenha sido a análise do desempenho de parlamentares do Rio Grande do Norte na defesa da extração mineral, determinou-se a inclusão dos discursos de parlamentares paraibanos, pelo fato desses discursos terem uma relação direta com a exploração de scheelita no Rio Grande do Norte.

Dentre as várias reivindicações identificadas ao longo do trabalho, uma chamou atenção pelo fato de trazer sérias implicações ao desenvolvimento da exploração mineral, ou seja, a falta de investimentos para realização de pesquisas que apontassem o surgimento de novas áreas exploráveis ou, até mesmo, aumentar o aproveitamento das que já estavam sendo exploradas.

As pesquisas demandavam vultosos investimentos e traziam consigo um grande risco, haja vista que existia a possibilidade dos minerais serem ou não encontrados, ou, serem encontrados em quantidades que não fossem viáveis para serem explorados. Nesse sentido, José Augusto Bezerra de Medeiros, acreditava que, para esse tipo de trabalho deveria ser disponibilizado incentivos, ao relatar que: "o Seridó necessitava de um apoio político que desse incentivos para pesquisas sistematizadas dos recursos minerais da região e industrialização dos que forem suscetíveis dessa industrialização."⁴⁰

⁴⁰ MEDEIROS, José Augusto Bezerra de. *Seridó*. Brasília: Senado Federal, 1980. p. 150

Em consonância com as manifestações expressas, Juvenal Lamartine também reivindica aos "homens públicos", através de um artigo intitulado: *O Rio Grande do Norte e seus problemas econômicos*, uma maior destinação de verbas do orçamento federal para serem destinadas na exploração das atividades econômicas. O que pode ser verificado através do seguinte trecho:

"Temos, assim, importantes fontes econômicas a explorar. O que nos está faltando, é não só, o espírito de iniciativa, como, sobretudo, um esforço inteligente e de conjunto de nossos homens públicos, a fim de desviar algumas verbas do Orçamento Federal para serem aplicadas na exploração de nossas fontes de riqueza.⁴¹

Além da questão inerente à realização de pesquisas, a atividade extrativa mineral de scheelita enfrentou outras dificuldades ao longo de seu processo de exploração. Entre estas, inclui-se a falta de uma infra-estrutura necessária à realização de análise dos minerais, o que acabou desencadeando uma série de protestos.

Um dos primeiros documentos encontrados, que abordavam o problema citado, data de 1947, onde o Deputado Agostinho Brito, durante sessão ordinária da Assembléia Constituinte do Rio Grande do Norte, aborda vários pontos sobre a exploração mineral no estado, inclusive os órgãos técnicos existentes na capital potiguar.

Anos mais tarde, para ser mais preciso, uma década depois, tal aspecto ainda era debatido na Assembléia Constituinte, podendo a ata da sessão da Assembléia ser verificada no anexo do trabalho. Desta vez, o Deputado Djalma Maranhão faz uso da palavra na sessão ordinária da Assembléia Constituinte com o intuito de expor os principais problemas enfrentados pela extração mineral, especificamente, a scheelita. O deputado em sua exposição, fala sobre a situação pela qual está passando o Laboratório de Análises de Minérios, o qual define como sendo angustiante a situação do laboratório

⁴¹ LAMARTINE, Juvenal. *O Rio Grande do Norte e seus problemas econômicos*, p. 66

e passa a propor à Assembléia a criação de um Departamento de Exploração de Minérios.

Essa situação passa a repercutir bastante nos diversos segmentos da sociedade. No dia 10 de janeiro de 1957, o Jornal *A República* publicou uma matéria, na qual o Governador Dinarte Mariz faz alguns comentários acerca do assunto. Pelo que foi colocado por ele, o laboratório, que estava situado na capital do estado e, encontrava-se filiado ao DNPM, não tinha as mínimas condições de atendimento das funções que lhe eram inerentes, além do que existia uma completa ausência de autonomia do laboratório, haja vista o mesmo ser subordinado ao de Campina Grande.

Diante do que foi exposto, tem-se a ocorrência de uma série de prejuízos sobre o desenvolvimento do processo de exploração mineral no estado. Entre eles, está inserido a falta de certificados para o embarque dos produtos para exportação. O que acabou motivando a ida do então governador Dinarte Mariz, ao Ministro da Agricultura, objetivando solicitar a vinda de funcionários que integrariam o corpo técnico do laboratório; bem como, a remessa de material específico para a realização de análises minerais. Tais reivindicações tiveram o compromisso por parte desse ministério de que seriam prontamente atendidas, inclusive a decretação da autonomia do laboratório.

Todos esses problemas aparentavam terem sido solucionados ao se analisar um discurso pronunciado pelo Governador Dinarte Mariz, em face da visita do Ministro da Agricultura, Mário Meneghetti, ao estado, como se pode constatar em matéria publicada no Jornal *A República*:

"Somos o estado que produz 90% da scheelita (tungstênio) do Brasil, mais de 60% do tântalo e 70% de columbus, mas, o Laboratório de Análises instalado nesta capital não podia executar os serviços a seu cargo, posto lhe faltarem os requisitos e as condições de autonomia. Entregamos no ano passado, um memorial a Vossa Excelência expondo essa situação irregular, e reclamando as providências que o caso estava a exigir. E, declaro, nesta hora, que o assunto mereceu a esclarecida

atenção do atual Ministro da Agricultura e o Laboratório de Análises Mineralógicas do Rio Grande do Norte, que estava subordinado ao de Campina Grande, graças a ação de Vossa Excelência possui hoje autonomia e está pronto a cumprir suas finalidades." ⁴²

No entanto, observou-se que alguns meses depois foi identificada uma reportagem do mesmo jornal citado, anteriormente, onde a situação permanecia da mesma forma, com inúmeras dificuldades financeiras, estando o laboratório sem dinheiro para as despesas mais urgentes, como o aluguel do prédio.

Tal situação teve reflexos na imprensa falada, escrita e no poder Legislativo do Rio Grande do Norte, em especial, através do Deputado Ney Maranhão que apresentou requerimento no sentido de ser apresentado ao Presidente da República, Ministro da Fazenda e da Agricultura, um apelo para a liberação de verba consignada no Orçamento da União e destinada ao laboratório de análises do DNPM, em Natal.

Percebe-se assim, que a grande maioria dos manifestos empreendidos pelos parlamentares detinham-se apenas na reivindicação da liberação de verbas para o setor mineral do estado.

Mas, verificou-se também a adoção de outros tipos de medidas, expostas adiante, com a finalidade de revitalizar a produção mineral de scheelita, que teve o desenvolvimento afetado pela queda brusca no seu preço. Foi almejando alcançar essa meta que o Conselho de Desenvolvimento Econômico do Nordeste, que tinha a frente o economista Celso Furtado, reuniu-se em Teresina, com vistas a entrar em entendimento com o Ministro da Fazenda e o Presidente do Banco do Brasil para tentar proporcionar um aumento no preço do quilo de scheelita. Em virtude dessas medidas, o Conselho

⁴² DISCURSO pronunciado pelo Governador Dinarte Mariz em face da visita do Ministro da Agricultura, Mário Meneghetti. A República, Natal, p. 2, 14 fev. 1957

recebeu votos de congratulações do Deputado Asclepiades Fernandes. O Jornal *A República* publicou a seguinte matéria a respeito do fato:

"O Deputado Asclepiades Fernandes apresentou ontem na Assembléia Legislativa, requerimento de congratulações à diretoria executiva do CODENO, em virtude das medidas adotadas por aquele órgão visando prestar maior assistência econômico financeira à indústria da Chelita."⁴³

No entanto, as ações do Conselho não se restringiram apenas a realização de uma reunião, mas, à apresentação de outras propostas. Primeiro, apresentou ao Governo Federal um plano de defesa da scheelita no Nordeste, onde o Banco do Brasil disponibilizaria um total de 50 milhões de cruzeiros para financiamento de algumas minas. Em segundo, o governo brasileiro fixou através do DNPM, um preço mínimo para a exportação de scheelita, situando o preço acima das cotações do mercado internacional.

O estado da Paraíba que, contribuía com uma pequena parcela do total da scheelita produzida no país, também participou ativamente das manifestações que vinham sendo empreendidas com vistas a provocar o soerguimento da atividade mineral no Nordeste. Alguns parlamentares, na esfera federal, passaram a defender melhorias na exploração de scheelita tanto na Paraíba quanto no Rio Grande do Norte.

De acordo com o relato do Deputado Plínio Lemos, da Paraíba, a situação dos mineradores, que estavam situados na área do polígono das secas, era de completa falta de assistência por parte dos governantes. Máquinas não existem: o braço do homem vergado ao Sol é que rasga os pigmatitos e que, nas profundezas da terra, consegue, em bolsões isolados, pedaços de minério.⁴⁴

⁴³ CONGRATULAÇÕES ao CODENO pela sua assistência à indústria da chelita. *A República*, Natal, p. 2, 16 out. 1957

⁴⁴ ANAIS DA Câmara. [Rio de Janeiro], 1958: Comunicação do Dep. Plínio Lemos. Disponível em: <[http:// www.camara.gov.br](http://www.camara.gov.br)> . Acesso em 21 abril 2005

Então, o Deputado Plínio Lemos tentando amenizar esse tipo de situação apresentou um projeto de lei com o intuito de beneficiar os mineradores com a isenção de algumas contribuições. Este visava beneficiar apenas minas que atuavam em regime de garimpagem, o que acabava excluindo algumas minas do Rio Grande do Norte: Bodó, Cafuca e Brejuí. Como justificativa o Deputado afirmava que:

"O projeto como vêem os senhores deputados, não visa isentar da contribuição as Minas em lavra, mas única e exclusivamente, os mineradores, que fazem a garimpagem, sem segurança de compensação, pela incerteza de encontrar ou não, nas fendas abertas alguma porção de minério."⁴⁵

O que se observa através do que foi relatado é que existiram várias tentativas de revitalização do processo de exploração mineral no Nordeste, mais especificamente, da scheelita, por parte dos representantes políticos. Entretanto, tais tentativas não conseguiram obter um efeito prático, ou seja, o auge da crise se consolidou no final da década de 1950, anos depois das manifestações que foram expostas.

Essa conclusão pode ser constatada ao realizar uma análise nos Anais do Senado, onde, o Senador Kerginaldo Cavalcanti, do Rio Grande do Norte, debate com os demais parlamentares a situação da falta de assistência por parte do governo federal aos produtores de scheelita, chegando a receber vários apartes de senadores da Paraíba.

Ao realizar seu discurso, Kerginaldo Cavalcanti revela o fascínio que tinha pela exploração extrativista de scheelita: "Conheço algumas das minas de xilita do meu Estado, de tal forma portentosas direi mesmo, à flor da terra, que atiram a xilita em montanhas não só para a superfície, como, também para o subsolo."⁴⁶

⁴⁵ BRASIL. Projeto n. 3.680, de 5 de fevereiro de 1958. Câmara dos Deputados. [Rio de Janeiro], 1958. Disponível em: < <http://www.camara.gov.br> > . Acesso em 21 abril 2005

⁴⁶ ANAIS do Senado. [Rio de Janeiro], 1957. v. 5: Rio Grande do Norte. Ementa: Lendo o artigo do Sr. Pimentel Gomes sobre a Industrialização do Rio Grande do Norte; Discurso do Sr. Kerginaldo Cavalcanti.p. 617

Dando continuidade ao discurso, o senador deixa transparecer uma indignação com a ausência dos órgãos governamentais, conforme o seguinte relato:

"É preciso, porém, Sr. Presidente, que para lá se volvam, também, as providências dos órgãos competentes. A não ser o esforço dos particulares, ainda não se notou a ação do Poder Público, no sentido de fomentar ou incrementar essa riqueza, realmente básica para o Brasil."
⁴⁷ (grifo nosso)

Esse sentimento de indignação também foi compartilhado por outros senadores. Abelardo Jurema, da Paraíba, denuncia ser estarrecidora a situação como os trabalhadores extraíam os minérios, em condições totalmente precárias tendo, inclusive, algumas minas sido abandonadas por falta de recursos para exploração até a profundidade.

Abelardo Jurema vai mais além ao creditar parte da crise, pela qual estava passando a exploração mineral de scheelita, tanto no Rio Grande do Norte quanto na Paraíba, a inoperância do Banco do Nordeste, que não estava atendendo a finalidade para a qual fora criado, ou seja, promover o desenvolvimento da região nordestina.

Fato confirmado pelo Senador Argemiro de Figueiredo, também da Paraíba, que afirmara que o Banco do Nordeste naquele momento não estava preocupado com o fomento da economia, mas, em realizar a mercantilização comum a todos os estabelecimentos bancários.

Agora, voltando a tratar da questão do laboratório de análises minerais instalado em Natal, pode-se verificar que até mesmo a verba que havia sido destinada para a manutenção do laboratório sofreu uma drástica redução. Conforme matéria veiculada no *Jornal A República*:

⁴⁷ ANAIS DO Senado. [Rio de Janeiro], 1957. v. 5: Rio Grande do Norte. Ementa: Lendo o artigo do Sr. Pimentel Gomes sobre a Industrialização do Rio Grande do Norte; Discurso do Sr. Kerginaldo Cavalcanti. p. 617

"No ano de 1956, a verba referente a esse exercício, no valor de um milhão e quinhentos mil cruzeiros, foi injustificadamente, incluída no "Plano de Economia" do Presidente da República, reduzindo-se assim, o seu valor para um milhão de cruzeiros, sendo, no final, pago tão somente, ao nosso laboratório, a irrisória quantia de setecentos mil cruzeiros. Daí para cá nada mais foi conseguido do Governo da União."⁴⁸

Mediante esse e outros aspectos, apontados ao longo do trabalho, fica evidenciada a idéia de que os órgãos governamentais pouco fizeram para reverter a crise pela qual, o setor de exploração mineral de scheelita enfrentou.



⁴⁸ SOLICITADA a liberação de verba do laboratório de minério. **A República**, Natal, p. 8, 16 out. 1957

CONCLUSÃO

Este trabalho permitiu realizar uma análise sobre a importância que a exploração mineral exerceu na economia do Rio Grande do Norte, nas décadas de 1940 e 1950. Diante do que foi exposto, observou-se que a atividade extrativista mineral, que teve suas origens provenientes do contexto da II Guerra Mundial, ocasionou inúmeros benefícios ao Rio Grande do Norte, principalmente, para os municípios produtores.

Verificou-se que, o principal benefício proporcionado por esse tipo de atividade econômica foi, justamente, a criação de uma oportunidade de trabalho para milhares de pessoas onde estavam situadas as áreas de mineração. Somente numa mineração, localizada em Currais Novos, constatada como maior produtora nacional de scheelita, chegou-se a reunir aproximadamente 3.000 homens.

Por estar localizada em regiões distantes dos grandes centros econômicos e, ao mesmo tempo, serem regiões pobres do Nordeste, essa atividade assumiu uma grande importância social, além de servir como elemento fixador das populações locais, que em períodos de seca prolongada passavam a migrarem para as grandes cidades em busca de emprego.

Pode-se mencionar, ainda, que as exportações de scheelita representaram a acumulação de divisas para o Brasil.

Entretanto, a atividade extrativista mineral de scheelita que teve seu início estimulado por meio da existência de uma demanda externa, que oferecia preços elevados pelos produtos minerais, começa a entrar em crise com o término da II Guerra Mundial, só restabelecendo um alívio na sua comercialização durante o período da Guerra da Coreia para, posteriormente, ao término do conflito, voltar a entrar em crise.

Uma abordagem centrada no exame dessa crise constatou, que a origem da mesma, deu-se com a queda brusca e constante no preço que era pago pela scheelita. Essa situação vigente é oriunda da própria característica do Brasil como produtor mundial de scheelita, ou seja, o país contribuía com cerca de 5% da produção mundial e, sendo assim, não tinha condições de interferir nas negociações do preço internacional do minério. Aliado a esse fator, ainda ocorreu a questão da entrada no mercado internacional da scheelita proveniente da China e da Rússia, a preços baixos.

Como resultado da persistência da crise, observou-se o encerramento das atividades de exploração em várias minerações importantes, acarretando o desemprego de milhares de operários, além de causar um sério prejuízo para a economia do Rio Grande do Norte.

Por último, ao analisar o discurso efetivado pelos parlamentares do Rio Grande do Norte, verificou-se que foram ínfimas as medidas adotadas por parte dos órgãos competentes com vistas a tentar por um fim na crise pela qual vinha passando o setor mineral no Estado. Na sua grande maioria, as manifestações realizadas nos momentos de crise não passaram dos discursos, verificando-se que após o momento do impacto, se dava o arrefecimento dos principais interessados.

FONTES

ANAIS do senado. [Rio de Janeiro], 1957. V.5: Rio Grande do Norte. Ementa: Lendo o artigo do Sr. Pimentel Gomes sobre a Industrialização do Rio Grande do Norte; Discurso do Sr. Kerginaldo Cavalcanti. Disponível em: < <http://www.senado.gov.br>>. Acesso em: 13 maio 2005.

ANAIS da câmara. [Rio de Janeiro], 1958: Comunicação do Deputado Plínio Lemos. Disponível em: < <http://www.camara.gov.br>>. Acesso em: 21 abril 2005

ATA da Assembléia Constituinte do Rio Grande do Norte. [Natal], 16 de Outubro de 1947.

ATA da Assembléia Constituinte do Rio Grande do Norte. [Natal], 4 de Julho de 1957

A ESPERA de recursos para se desenvolver. **A República**, Natal, 6 jan. 1957

AUTONOMIA para o Laboratório de Produção Mineral no Rio Grande do Norte. **A República**, Natal, 10 jan. 1957

A QUEDA dos preços da "Scheelita". **A República**, Natal, 8 out. 1957

BRASIL já está em 6º lugar entre os produtores de xilita. **A República**, Natal, 29 nov. 1959

BRASIL. **Anuário Estatístico do Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 1957

BRASIL. Projeto n. 3680, de 5 de fevereiro de 1958. Câmara dos Deputados. [Rio de Janeiro], 1958. Disponível em: < <http://www.camara.gov.br>>. Acesso em: 21 abril 2005.

CASCUDO, Luis da Câmara. **História do Rio Grande do Norte**. Rio de Janeiro: Departamento Imprensa Nacional, 1955.

CONGRATULAÇÕES ao CODENO pela sua assistência à indústria da chelita. **A República**, Natal, 16 out. 1957

DISCURSO pronunciado pelo Governador Dinarte Mariz em face da visita do Ministro da Agricultura, Mário Meneghetti. **A República**, Natal, 14 fev. 1957

GOMES, Pimentel. Riquezas do Rio Grande do Norte. **A República**, Natal, 22 fev. 1957

JACCOUD, D' Alembert. "Trust" Americano esmaga os mineradores do Rio Grande do Norte. **A República**, Natal, 3 out. 1957

LAMARTINE, Juvenal. **O Rio Grande do Norte e seus problemas econômicos**. Natal: Galhardo, 1953.

NÃO está fechado o Laboratório de Minérios. **A República**, Natal, p. 2, 15 out. 1957

PARQUE mineral do Rio Grande do Norte. A **República**, Natal, 1 out. 1957

PRODUZIU o Brasil 1353 Toneladas de Minério de Tungstênio em 1956, A **República**, 11 fev. 1958

SOLICITADA a liberação de verba do laboratório de minério. A **República**, Natal, 16 out. 1957

ALBERTO, Abigail Correia de. A produção do espaço North-rio-grandense. Natal: Tachygrafos, 1991. 48 p.

BARROSA, Frederico Lopes Nogueira. Perfil geológico do tungstênio. Rio de Janeiro: LBNM, 1973. 60 p.

BARROSA, Alfredo Ray. A Mineração nas Constituições Brasileiras. In: *Constituições: a nova política mineral*. GUERREIRO, Gabriel. Brasília: CNPQ, 1985. p. 27-52.

CARONE, Edgard. O Estado Novo (1937 - 1945). Rio de Janeiro: LBNM, 1977.

CLEMENTINO, Maria do Livramento. Economia e urbanização do Rio Grande do Norte nos Anos 70. Natal: LFRN/CCHLA, 1995. p. 149-153.

DUNHA, Maria Vilma. A mineração em Caracás, Minas: um estudo de aplicação operária. Natal: FRN, 1982. 140 p.

DIAS, Renato Feliciano (Org.). A mineração no Brasil e a Constituição. Natal: Rio Doce. Rio de Janeiro: CVEL, 1992. 639 p.

GORENDER, Jacob. A participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial e suas consequências. In: SZMRECSANYI, Tamas; GRANZIERA, Rui G. (Org.) Getúlio Vargas e a economia contrapósitica. Campinas: Hucitec, 2004. p. 43-60.

GREMAUD, Anacleto Pivick, BAER, F.; TONELLO JUNIOR, R. O processo de industrialização na Era do Populismo. In: *Formação Econômica do Brasil*. São Paulo: Atlas, 1997. p. 99-166.

JOLISSAS, Francisco. Aspectos políticos e econômicos do Estado Novo. In: SZMRECSANYI, Tamas; GRANZIERA, Rui G. (Org.) Getúlio Vargas e a economia contrapósitica. Campinas: Hucitec, 2004. p. 63-61.

SANTOS, Paulo Pereira dos. Evolução Econômica do Rio Grande do Norte (De séculos XVI ao XXI) - 500 anos de História do Rio Grande do Norte. 2 ed. Natal: LFRN, 2002.

NEVES, José Augusto Dias da. Seridó. Brasília: Senado Federal, 1980. 170 p.

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Jefferson Fernandes. **O cultivo das pedras pesadas: um estudo do modelo extrativo-industrial da scheelita em Currais Novos.** Natal, 1997. 342 p.
- ANDRADE, Manuel Correia de. **A mineração no nordeste: depoimentos e experiências.** Brasília: CNPQ, 1987. 110 p.
- ANDRADE, Manuel Correia de. **A produção do espaço Norte-rio-grandense.** Natal: Universitária, 1981. 48 p.
- BARBOZA, Frederico Lopes Meira. **Perfil analítico do tungstênio.** Rio de Janeiro: DNPM, 1973. 69 p.
- BARBOSA, Alfredo Ruy. A Mineração nas Constituições Brasileiras. In : ____ **Constituinte : a nova política mineral.** GUERREIRO, Gabriel. Brasília : CNPQ, 1988. p. 57-52.
- CARONE, Edgard. **O Estado Novo (1937 - 1945).** Rio de Janeiro: Difel, 1977.
- CLEMENTINO, Maria do Livramento. **Economia e urbanização: O Rio Grande do Norte nos Anos 70.** Natal: UFRN/CCHLA, 1995. p. 149-153
- CUNHA, Maria Vilma. **A mineração em Currais Novos: um estudo do cotidiano operário.** Natal: FRN, 1988. 140 p.
- DIAS, Renato Feliciano (Org). **A mineração no Brasil e a Companhia Vale do Rio Doce.** Rio de Janeiro: CVRD, 1992. 639 p.
- GORENDER, Jacob. A participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial e suas conseqüências. In: __SzMRECSÁNYI, Tamás; GRANZIERA, Rui G. (Org.) **Getúlio Vargas e a economia contemporânea.** Campinas: Hucitec, 2004, p. 82-96
- GREMAUD, Amaury Patrick,; SAES, F.; TONETO JUNIOR, R. O processo de Industrialização na Era do Populismo. In: ____ **Formação Econômica do Brasil.** São Paulo: Atlas, 1997. p. 99-166
- IGLÉSIAS, Francisco. Aspectos políticos e econômicos do Estado Novo. In: __SzMRECSÁNYI, Tamás; GRANZIERA, Rui G. (Org.) **Getúlio Vargas e a economia contemporânea.** Campinas: Hucitec, 2004, p. 65-81
- SANTOS, Paulo Pereira dos. **Evolução Econômica do Rio Grande do Norte (Do século XVI ao XXI) : 500 anos de História do Rio Grande do Norte.** 2 ed. Natal: DEI, 2002.
- MEDEIROS, José Augusto Bezerra de. **Seridó.** Brasília: Senado Federal, 1980. 170 p.

ANEXO 1

ANEXO 2

TABELA I

PRODUÇÃO MINERAL NO RIO GRANDE DO NORTE

EXPORTAÇÃO DE SCHEELITA NO BRASIL ENTRE 1954/56

Mineral	Quantidade (Kg)	Valor (Cr\$)
Scheelita	949.998	75.516.866,00
Sal	355.472	53.320.804,00
Gêsso	147.015	17.341.804,00
Columbita	62.440	721.000,00

FONTE: PARQUE mineral do Rio Grande do Norte. *A República*, Natal, p. 1, 1 out. 1957

FONTE: BRASIL. Anuário Estatístico do Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 1957 p. 240

ANEXO 2

ANEXO 3

TABELA III

PRODUÇÃO EXTRA SCHEELITA - 1955/57

TABELA II

EXPORTAÇÃO DE SCHEELITA NO BRASIL ENTRE 1954/56

UNIDADES DA FEDERAÇÃO	QUANTIDADE (t)			VALOR (Cr\$)		
	1954	1955	1956	1954	1955	1956
PROCEDÊNCIA E DESTINO						
Total	1028	921	1353	54.118	77.865	194.651
PROCEDÊNCIA						
NATAL	508	506	1240	28.668	43.984	181.370
RECIFE	340	315	113	16.135	25.172	13.281
DESTINO						
ALEMANHA	435	175	-	19.634	13.798	-
EUA	508	606	1.283	28.668	52.692	185.694

FONTE: BRASIL. Anuário Estatístico do Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 1957 p. 240

ANEXO 4

ANEXO 3

TABELA III

TABELA IV

PRODUÇÃO EXTRATIVA DE SCHEELITA - 1955/57

UNIDADES DA FEDERAÇÃO	QUANTIDADE(t)			VALOR (Cr\$)		
	1955	1956	1957	1955	1956	1957
Rio Grande do Norte	950	1037	920	75.517	101.245	78.334
Paraíba	21	268	103	1.766	26.785	10.256
Brasil	971	1305	1023	77.283	128.030	88.590

FONTE: BRASIL. Anuário Estatístico do Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 1958. p. 48

Fonte: CASCUDO, Lily da Cãmara. História do Rio Grande do Norte. Rio de Janeiro: Departamento Imprensa Nacional, 1955. pg. 405

ANEXO 4

ANEXO 5

Techo extraído da ata da Assembleia Constituinte do Rio Grande do Norte, 4 de Julho de 1957

TABELA IV

EXPORTAÇÃO DE SCHEELITA DE 1943 1951

ANOS	PESO LÍQUIDO (Em quilos)	VALOR COMERCIAL (Cr\$)
1943	802.154	19.475.726,00
1944	288.092	4.334.649,00
1945	232.517	3.816.602,00
1946	226.817	3.314.919,00
1947	253.469	3.347.581,00
1948	167.348	4.785.057,00
1949	25.700	655.135,00
1950	522.369	13.958.254,00
1951	399.173	17.988.513,00

Fonte: CASCUDO, Luis da Câmara. **História do Rio Grande do Norte**. Rio de Janeiro: Departamento Imprensa Nacional, 1955. pg. 405

ANEXO 5

Trecho extraído da ata da Assembléia Constituinte do Rio Grande do Norte, 4 de Julho de 1957

de do messario) maíria. Em nome o Partido Social Democrático fala o Sr. Tullio Fernandes - que diz que o seu partido mais que qualquer outro encara a fundo do velho companheiro, salientando a importância e o vestígio que desfrutara em todos os setores da vida o mantendo morto. Em palavra facultada fez uso o Sr. Djalma Maranhão - que em importante e longo discurso pede a atenção da Assembléia para examinar e debater um dos mineiros. Tala longamente sobre o problema da Chibita e baseado em reportagens do jornalista Luiz Maranhão Filho em estudos do Técnico Laércio Couto analisa demoradamente a situação arguente porque passa o nosso laboratório de análises de mineiros. O orador faz diversas sugestões e inclusive deixa à tona a da criação de um Departamento de Exploração de Mineiros, tendo comentários sobre a atual exportação que é feita através do vizinho Estado da Paraíba. Em sua oração o Sr. Djalma Maranhão foi constantemente ajuntado pelo Sr. Manoel Avelino que forneceu subsídios ao discurso do representante progressista. O Sr. Djalma Maranhão fala ainda sobre o Sr. Joel Dantas exaltando o homem modesto que fez o descobridor do urânio e da Chibita. Reporta-se ainda a um decreto do governo do Estado do Rio Grande

ANEXO 7
ANEXO 6

HOMENS NO GARIMPO DA SCHIZITA
MINERADORES ENTRANDO NO SUBSOLO DA MINA



Foto cedida por funcionária do Memorial Tomás Salustino



ANEXO 6
ANEXO 7

SACOS DE SCHEELITA
HOMENS NO GARIMPO DA SCHEELITA



Foto cedida por funcionária do Memorial Tomáz Salustino



ANEXO 9
ANEXO 8

HOMENS NA MINA MOENDO PEDRA
SACOS DE SCHEELITA



Foto cedida por funcionária do Memorial Tomáz Salustino

ANEXO 9

HOMENS NA MINA MOENDO PEDRA



Foto cedida por funcionária do Memorial Tomás Salustino